

O boi, nos bailados populares e na religiosidade a partir das pesquisas de Mário de Andrade

*Flávia Camargo Toni

Instituto de Estudos Brasileiros/USP – flictis@usp.br

**Rosângela Francischini

Instituto de Estudos Brasileiros/USP – rofrancischini@gmail.com

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO TEMÁTICO: Música e cultura popular na região Nordeste

Resumo. Análise de uma parcela da pesquisa de Mário de Andrade, *Melodias do boi*, onde o animal, “bicho nacional por excelência” e, por extensão, o bailado popular Bumba-meu-Boi, aponta para a capilaridade desta cultura nas regiões Norte e Nordeste. Pauta-se na bibliografia consultada pelo musicólogo e acolhe uma crônica, O irmão boi, onde a evocação a S. Francisco associa as práticas religiosas às danças dramáticas. A cultura do boi estudada no processo de colonização do Brasil, seja como elemento da culinária, através da carne e do leite, seja como responsável pelo aproveitamento do couro, que caracterizou a figura do vaqueiro, contempla também a figura do boi na poética e na música populares.

Palavras-chave. Bumba-meu boi. Mário de Andrade. Dança dramática.

Title. Research and universalization of culture in *Melodias do boi*, by Mário de Andrade

Abstract. Analysis of an extract of Mário de Andrade’s research *Melodias do boi* (‘melodies of the ox’), where the animal known as the most important national animal, as well as the *Bumba-meu-Boi* popular dance, point to some ways that culture has spread over the North and Northeast areas of Brazil. It is based in the bibliography consulted by Andrade, particularly a local newspaper story, O irmão boi, where he remembers Saint Francis and associates religious practices to dances pertaining to the dramatic genre. The culture of the ox studied from the perspective of the colonization of Brazil, whether as a culinary element (through its meat and milk), or for its leather, that characterizes the figure of the cowboy, also encompasses the animal’s representation in poetic forms and popular music.

Keywords. Bumba-meu-boi. Mário de Andrade. Dança dramática.

1. Introdução

Quando Mário de Andrade elege as regiões Norte e Nordeste para o primeiro mapeamento musical a ser realizado pelo Departamento de Cultura, em 1938, aponta para a riqueza e variedade das culturas ali estabelecidas como “as regiões mais ricas em música popular” (ANDRADE, 1938).

Mário de Andrade permanece em São Paulo, mas envia Luís Saia, Martin Braunwieser, Benedicto Pacheco e Antonio Ladeira que percorrem trajeto muito próximo do que ele trilhara nas viagens de 1927 e 1928: se na primeira delas visitou o litoral da Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, adentrando os estados do Pará e

do Amazonas, chegando até o Peru, na seguinte, mais demorada e detida, se concentrou em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, embora mais uma vez tenha aportado em Salvador e Maceió (ANDRADE, 2015, p. 395 e 433). Como é sabido, o vasto material colhido na segunda viagem, sobretudo, seria debulhado ao longo dos anos seguintes, até a morte precoce do musicólogo, em 1945, dando origem a uma coleção de ensaios e artigos que, reunidos, teriam dado corpo à obra *Na Pancada do Ganzá*, assunto que retomaremos. A trajetória da Missão de Pesquisas Folclóricas, ocorrida entre os meses de fevereiro e julho de 1938, apesar de ser naturalmente mais complexa, fez escalas na Bahia, Alagoas, e estacionou por vários dias em Pernambuco, dali seguindo para a Paraíba, novamente com longa estadia de trabalho, cortou o Ceará e chegou ao Maranhão e, finalmente ao Pará. A similaridade é evidente, mesmo porque não cabe aqui detalhar alguma comparação, mas refletir sobre quais as outras perspectivas que Mário de Andrade tinha em mente ao explorar um vasto repertório brasileiro, detalhando estudos sobre a variedade e a origem de ritmos quase ou nada conhecidos.

Modernista e comprometido com a atualização de um programa para situar as culturas brasileiras na contemporaneidade, o musicólogo parte do estudo da cultura brasileira para sintonizá-la com o universal, como se atesta na crônica de 1938, *O Irmão Boi*, e que será detalhado adiante.

O projeto *O musicar local: novas trilhas para a etnomusicologia* abriga, entre seus projetos individuais, a pesquisa sobre o livro *Melodias do boi*, uma edição pretendida para a pesquisa de Mário de Andrade voltada para analisar e divulgar os bailados de Bumba-meu-boi e Boi bumbá que ele colecionou nas viagens de 1927 e de 1928 mencionadas acima. Mas porque a cultura do boi? Qual sua relevância para a música e a dança populares, no entender de Mário de Andrade?

Ao analisar as distintas abordagens da Literatura Popular, através do Folclore ou da literatura culta, Telê Ancona Lopez (1972, p. 123) afirma que, de um lado a pesquisa de campo do estudioso “lhe revela os assuntos com que trabalha a composição popular de seu tempo e com que trabalhou a geração que o antecederam [...]”; por outro lado, “sua pesquisa em autores aprofunda no tempo e no espaço a informação.”

Eis o ponto que pretendemos explorar aqui, as maneiras pelas quais as análises de Mário de Andrade em torno dos bailados que ele anota e descreve conduzem-no a perceber como que uma universalização da importância da cultura do boi. Para tanto, primeiro descreveremos alguns aspectos e características do manuscrito *Melodias do boi* para, em

seguida, analisar uma das maneiras da recriação do artista quando, na crônica *O Irmão Boi* (ANDRADE, 1938, p. 4), ao invés de estabelecer elos de aproximação entre suas pesquisas a respeito do bailado brasileiro e a maneira como o animal passa a figurar no universo pictórico da Renascença, ele analisa obras sobre a história da arte onde a devoção a São Francisco de Assis é propulsora de atividade artística de vulto para a arte universal.

Discípula e amiga de Mário de Andrade, Oneyda Alvarenga conhecia a intenção do musicólogo de publicar tanto *Na Pancada do Ganzá*, quanto *Melodias do boi*, e após a morte do mestre, em 1945, tem em mãos o conjunto dos manuscritos sobre os quais se debruçará até vésperas de seu falecimento, em fevereiro de 1984. Atendendo o projeto da editora Martins, a pesquisadora prepara primeiramente *Música de feitiçaria* para a edição e, na sequência, os três volumes de *Danças Dramáticas do Brasil, Os cocos* (ANDRADE, 1984) e *As melodias do boi e outras peças* (ANDRADE, 1987). Com exceção do primeiro título, nos demais há parcelas do grande estudo sobre a cultura do boi sendo que, curiosamente, na última delas, que vem à luz após o falecimento da musicóloga, o comparecimento de matéria sobre o culto ao animal é muito pequeno. Pelo que se entende pela análise de seu conteúdo e pela modificação do título, *As melodias do boi e outras peças* acolhe pequenos ensaios esparsos, não abrigados nos volumes anteriores. E também permaneceu fora do projeto de edição o conjunto de envelopes que contem a pesquisa bibliográfica e as diretrizes para a publicação de *Melodias do boi*. Vale dizer, os bailados, cocos e aboios publicados nas demais obras guardam poucos elos com o manuscrito em tela.

Um segundo ponto a esclarecer diz respeito às relações entre a pesquisa sobre o boi e a criação literária, pois aquela é a seiva para as crônicas da *Vida do cantor* e, conseqüentemente, do inacabado romance *Café*. Conhecedora desse vasto manancial, Telê Ancona Lopez foi a primeira autora a diagnosticar a importância do tema dentro do pensamento do musicólogo que focaliza no animal “como uma sobrevivência mítica e um valor moral, decorrente de seus aspectos religiosos e econômicos.” (LOPEZ, 1972, p. 126)

Na mesma direção, de reconhecer a importância do boi na formação (social, cultural, geográfica, histórica, econômica) do Brasil, Gilda de Mello e Souza, em *O Tupi e o Alaúde*, ao afirmar o amplo conhecimento musical que Mário de Andrade possuía, argumenta que este conhecimento tem grande influência na elaboração de *Macunaíma*, obra referência do autor. Aqui, interessa-nos, sobretudo, esta relação estabelecida pela autora, não somente pela densidade da análise por ela empreendida, mas, principalmente, porque os estudos sobre

Melodias do Boi e sobre a poética e o cancionário populares nordestinos são tomados como exemplificação. A transcrição, na íntegra, a seguir, esclarece essa afirmação:

É minha convicção que, ao elaborar o seu livro, Mário de Andrade não utilizou processos literários correntes, mas transpôs duas formas básicas da música ocidental, comuns tanto à música erudita quanto à criação popular: a que se baseia no princípio rapsódico da suíte — cujo exemplo popular mais perfeito podia ser encontrado no bailado nordestino do Bumba-meu-Boi — e a que se baseia no princípio da variação, presente no improviso do cantor nordestino, onde assume forma muito peculiar. (MELLO E SOUZA, 2003, p. 13).

Assim, o bailado popular mais representativo do Brasil, como manifestação da cultura do boi no processo de formação e consolidação do Brasil - segundo Mário de Andrade, o Bumba-meu-Boi - aproxima-se, segundo Gilda de Mello e Souza, da composição da narrativa em *Macunaíma*.

Intelectual que faz dos temas de seu interesse um laboratório equipado com as melhores publicações em livros e revistas disponíveis, pesquisador de campo que aprende com a etnografia nascente, busca sempre documentar as relações entre Brasil e Portugal, somando a essas relações, matéria sobre a produção cultural e artística de outros povos que, assim reunidos, “lhe fornecem dados para a comparação e fundamentação de possíveis traços de universalidade nos fenômenos que observa”. (LOPEZ, 1972, p. 125)

A leitura e análise da fonte bibliográfica reunida pelo musicólogo para conhecer as origens das melodias que escutou e anotou em campo auxiliam a mapear o que se sabia sobre a cultura do boi no país. Esta – a fonte bibliográfica – era a pista que sedimentava seu conhecimento a respeito das origens do bailado. Em *Melodias do boi*, dentre as fichas de leitura, fotografias, recortes de jornal e literatura de cordel, somando 1340 documentos e distribuídos por 11 envelopes, tomamos como exemplo o que daria origem ao capítulo Histórico.

Como o próprio título situa, era nesta parte do livro que permaneceu em esboço que Mário de Andrade pretendia analisar o estabelecimento da cultura do animal em solo brasileiro como testemunham as 196 papeletas escritas de próprio punho, transcrevendo informações bibliográficas, dois trechos datiloscritos, provavelmente por terceiros, e 11 reportagens em jornais, num total de 209 notas. Esta parcela da obra, o Histórico, acolheria a pesquisa feita em 55 livros nacionais, 17 editados em vários países sendo um deles, editado em Lisboa, posteriormente reeditado no Brasil. Entre as revistas essa proporção se mantém, uma vez que 13 delas são nacionais e 3 são do exterior.

Dentre os jornais há quatro artigos de autoria de Pedro Calmon, um de Eloy de Souza e um sexto, de autoria de Aurélio Porto.

Recorrer às referências presentes nos documentos acima citados, que perfazem um total de 282 citações, permite-nos compor um panorama que explicita traços do percurso de Mário de Andrade, suas preocupações, sua busca por fontes as mais diversas, tanto do ponto de vista geográfico quanto temporal. Assim, esses documentos compreendem as mais diversas regiões do Brasil em formação, suas especificidades, que orientam o diálogo do homem com a natureza e os ajustes, nem sempre bem sucedidos, para se fixar no local, criar o gado, usufruir de todos os benefícios dessa atividade, como o aproveitamento do leite, do couro, e, acima de tudo, da carne para o sustento. Implicou, ainda, em estabelecer normas para sua comercialização, o desbravamento de terras com a abertura de estradas para o transporte do gado e a ampliação das zonas de sua criação. Do ponto de vista temporal, as obras selecionadas por Mário de Andrade são igualmente abrangentes. Os documentos referenciados, principalmente os livros, remetem-nos a um percurso histórico que tem sua gênese no Brasil Colônia, nas chegadas dos primeiros colonizadores portugueses, nos embates, sempre tensos com a população indígena local que acabaram, em sua maioria, com a matança desses índios e/ou a expulsão deles de suas terras. Segue, linearmente, a história desse processo de colonização, com a chegada de outros povos, como por exemplo, dos holandeses, em Pernambuco. No entanto, nesse percurso, enfatiza a chegada do boi: no sul do país, oriundo da Andaluzia, em 1556; em Pernambuco, Bahia e São Vicente, vindo, inicialmente de Cabo Verde, em 1557. As referências dão conta, ainda, de observar que foram várias as procedências e raças do gado que se instalou no Brasil, incluindo a Índia, responsável pela inserção do gado Zebu.

Para se avaliar a dinâmica da pesquisa para o livro *Melodias do boi*, o planejamento para a redação do capítulo sobre o Histórico - aquele que introduz a questão da implantação da cultura do boi em território nacional – podemos observar que as 282 referências bibliográficas foram realizadas entre os anos de 1926 e 1941. Partindo do ano de edição das obras consultadas por Mário de Andrade, o arco cronológico que abarca suas leituras percorre um espaço de mais de um século, pois a obra mais antiga, de Theodor von Leithold, foi editada em 1820, e a mais recente, de Hoffman-Harnisch, obra que situa o Rio Grande do Sul, em 1941. Na metodologia de trabalho adotada por Mário de Andrade, as marcas nos livros e revistas são norteadoras para as etapas seguintes, tanto do trabalho dele, quanto para os leitores atuais. No caso da obra de Leithold ele marcou, à margem da página

28 do livro que hoje está em sua biblioteca, que o viajante “esteve no Rio 4 meses... em 1819”.

Uma vez que o pesquisador não logrou editar o trabalho, não se pode saber quais os autores e temas seriam abordados em seu estudo, a não ser nos casos em que as notas de próprio punho nos orientam quanto à relevância das obras e fatos.

Em termos de antiguidade dos relatos, aqueles dos jesuítas estão entre os mais antigos, juntando-se aos dos autores – inclusive estrangeiros, como o mencionado Leithold – que estudaram ou ajudam a estudar a cultura do boi no processo da colonização do país. São relatos de viagens, cartas, principalmente das “autoridades locais” para a Coroa e dos padres catequizadores, para seus superiores, fora do Brasil, além de documentos que abordam questões relacionadas às decisões legais sobre comércio, preço e transporte do boi.

Em termos geográficos, tais referências bibliográficas remetem principalmente aos estados da Bahia e Pernambuco, da região Nordeste, e sobre São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais e Rio Grande do Sul, das regiões Sul e Sudeste, com forte predomínio do estado de São Paulo. Do Centro oeste e do Norte há informações sobre Goiás, Mato Grosso e o “Amazonas”, citado de forma genérica, mas com destaque para a região do Pará. Entre os temas abordados a respeito dos trajetos que levaram à ocupação da cultura do boi nestes diferentes espaços cardeais os autores, quando se referem ao Nordeste, principalmente, e em menor extensão, ao Norte discorrem sobre as margens dos rios, com destaque para o São Francisco e seus afluentes, como caminho de desbravamento e formação de povoados e posterior entrada pelos sertões.

A temática de todas estas indicações de fontes é naturalmente abrangente pois se ocupa desde o confronto entre Índios e a presença da catequização e doutrinação pelos Jesuítas e outras congregações da Igreja Católica, passando pela história das colonizações portuguesa, holandesa e espanhola; as “expedições” bandeirantes com saídas de São Paulo; as determinações “legais” sobre comércio, preço, transporte, abastecimento e comércio da carne, bem como o transporte do gado, a formação dos frigoríficos e a cultura do couro, pelo vaqueiro sertanejo.

Quanto à dispersão e fixação do homem em termos do estabelecimento da cultura do boi, a imagem se assemelha a um movimento que se opera ora de forma centrípeta e, ora de forma centrífuga. Ao referir-se às formações de povoados pelos sertões, sobretudo às margens do “Rio de São Francisco”, Pedro Calmon Monis Bittencourt (1935, p. 191)¹ afirma

que “O gado passou a conduzir o homem” e isto é importante em nosso caso pois ele se refere, também, à colonização holandesa, em Pernambuco.

Para o Rio Grande do Sul, a imagem sugerida por Aurélio Porto, em artigo que Mário de Andrade recortou do *Jornal do Comércio*, impossibilitando a verificação do número da página, é de que naquele estado [...] é o boi que chama o homem”. (PORTO, 1935)

2. Religiosidade e pesquisa

Em dezembro de 1938 Mário de Andrade está morando no Rio de Janeiro há poucos meses. Mudou-se para lá de forma um tanto repentina e a contragosto, pois, até maio era o Diretor do Departamento de Cultura do Município de São Paulo e Chefe da Divisão de Expansão Cultural. Obrigado a abandonar o posto que o confirmara como o mais influente intelectual e gestor da cultura de nosso país, ele agora ficará a serviço do Ministro Gustavo Capanema, devendo preparar e apresentar um Curso de Filosofia e História da Arte na Universidade do Distrito Federal.

Divide seu tempo no preparo do Curso, emitindo pareceres para projetos do Governo e no redigir para jornais e revistas. Em dezembro daquele ano, três dias após o Natal, portanto, publica a crônica O Irmão Boi, no jornal *O Estado de S. Paulo* (ANDRADE, 1938, p. 4), título evocativo para os católicos praticantes como ele, pois apela de imediato à imagem de São Francisco de Assis, o santo que sempre esteve muito próximo da natureza e que, segundo os historiadores e estudiosos das vidas dos santos, foi o primeiro a celebrar a festa do Natal com a representação de um presépio, ao vivo, na cidade italiana de Greccio.

Logo no primeiro parágrafo já se sabe que ao longo do texto Mário de Andrade trabalhará a par e passo com analogias que o remetem a seu universo particular de professor, pesquisador e devoto utilizando, de um lado, a proximidade com as festividades da Igreja Católica; de outro, o fato de que precisava organizar os pontos das aulas para seu Curso e, finalmente, para o fato de que alimentava há doze anos uma pesquisa sobre a importância do boi na cultura brasileira.

Cada uma destas circunstâncias demandaria um texto independente, mas tendo em vista que o próprio cronista entrelaça os três temas, vale resumir o texto para o jornal focalizando cada uma delas.

Como é sabido Mário de Andrade participou da Congregação da Imaculada Conceição da Igreja de Santa Ifigênia e foi Irmão da Ordem Terceira do Carmo, sendo que nas duas instituições deve ter praticado música ao lado de outros devotos, como anunciam as

marcas nas partituras de sua biblioteca. Logo, não é uma figura de retórica para o cronista afirmar logo no início que São Francisco de Assis tinha uma “personalidade fulgurante” (ANDRADE, 1938, p. 4). E é como crente que ele explica que o santo acabou se tornando um místico, “o ser... esquisito, o indivíduo excepcional, que está no último limite da verdade, se é que já não escapou desse limite pra as inverdades sutis e perigosas.” Segundo sua interpretação, o mundo organizado se pauta pela mediania dos comportamentos das pessoas, os comportamentos fora do padrão sendo, então, encarados com desconfiança, com estranheza, e explica: “É que religião, sendo um fato social, tem que orientar-se pelo ser comum, pela consciência medíocre, da mesma forma que os sistemas políticos.” E eis que Mário de Andrade evoca um animal bem conhecido ao analisar que personalidades como a de Francisco podem conduzir as multidões para caminhos imprevisíveis, “porque conduzem as massas com suas ‘extravagâncias’, não para os sublimes vôos, mas para a queda nos abismos. Que o diga o irmão sapo!” (ANDRADE, 1938, p. 4)

Tendo por base os estudos hagiográficos, Mário de Andrade relata a difícil aceitação da popularidade de São Francisco e estabelece uma comparação com as figuras que lhe são contemporâneas ao sintetizar que o santo realizava, no tempo dele, uma “revisão de valores”, ao contrariar “um dos elementos essenciais do conceito de qualquer igreja, o trono, a soberania, o poder.” (ANDRADE, 1938, p. 4) E o escritor introduz a discussão a respeito da onipresença de Deus, para os católicos, e a facilitação deste entendimento, através da pregação de Francisco, usando o animal que no Brasil é mais popular que o sapo: “O Catolicismo nos ensina que Deus está em toda a parte, nas folhas das árvores como na barriga do boi.” Pela popularização de sua doutrina,

[...] não era mais Deus que estava em toda a parte, nas pregações do santo humilde, e, sim que todas as coisas são iguais em Deus e devemos amar todas as coisas por amor de Deus. Meu irmão boi. (ANDRADE, 1938, p. 4)

Mas a partir deste ponto, é o professor de estética e de história da arte que assume a narrativa, ao colocar que a doutrina franciscana propõe novos desafios também para a “interpretação sentimental de Cristo que S. Francisco apresentava.”, reafirmando sua crença na existência de uma luta entre arte e religião. Ele quer defender que a melhor tradução da religião se dá quando o artista criador é um devoto e praticante citando Fra Angelico, Michelangelo, Jacques Maritain e Murilo Mendes. (ANDRADE, 1938, p. 4)

Em sua defesa, Mário de Andrade busca autores de livros de História da Arte que viriam a frequentar as apostilas de seu Curso: Wells, Sheldon Cheney e Handrik van Loon, demonstrando clara preferência por este último ao fazer

[...] de S. Francisco um verdadeiro revolucionário das artes do seu tempo. ‘S. Francisco lhes restitui o lugar a que elas tinham direito, as ruas das cidades, o cimo dos morros, os campos, os matos, e a moradia de cada um de nós. Não tem dúvida que ele foi, e permaneceu a vida inteira, um perfeito filho da Idade Média, considerando a vida nesta terra apenas como um estágio de preparação às bênçãos superiores que nos esperam além-túmulo. Mas ele nos revelou que, enquanto esperamos essa bem-aventurança eterna, deveríamos também aceitar com alegria e gratidão as boas coisas que o Senhor, em sua sabedoria, pôs generosamente aqui em baixo à disposição das suas criaturas. Este ensinamento, transposto para o plano artístico, significava que o pintor, por exemplo, podia reabrir as suas janelas fechadas há mil anos e exclamar infantilmente surpreso: ‘Que bonito dia!’ ‘Isso significava mais que o músico podia de novo prestar ouvidos ao canto dos passarinhos, ao murmúrio suave dos ribeirões e achar em tudo isso uma inspiração mais viva que nas austeras melopeias gregorianas, alimento único de sua inspiração durante séculos.’ (ANDRADE, 1938, p. 4)

3. Conclusões

Ao contrário do que se poderia imaginar, aquele que se prepara para um dia publicar *Melodias do boi* não estabelece relações de reciprocidade entre a popularidade de São Francisco entre os católicos do Brasil e a cultura em torno do animal que é o ganha pão e a base de sustentação de parcela expressiva da população. Entre as notas do manuscrito não há sequer um documento que remeta aos assuntos evocados na crônica de 1938, logo, apesar de gostar das análises de van Loon, por exemplo, Mário de Andrade não aproxima os homens do século XIII e os brasileiros de seu tempo. Mas acredita que se deva à “lição” de Francisco mudanças profundas, que se deve a ele a revalorização “dentro da nossa capacidade de amar, os irracionais, todos os seres vivos e as próprias coisas inanimadas. Meu irmão boi. [...]”. Assim, o santo poderia ser considerado “uma espécie de pai espiritual da paisagem, do animal e da natureza-morta.” (ANDRADE, 1938, p. 4)

Embora escrita entre o Natal e o início das comemorações dos Reis Magos, ocasião de Folias e de Bumba-meu boi, a crônica de Mário de Andrade não se refere a esses festejos nos quais as alusões a São Francisco seriam naturais devido à presença do “bicho nacional por excelência”, tanto como figura protagonista do bailado popular, quanto nos presépios, ao lado das manjedouras. Como se sabe, em algumas regiões do Brasil a presença, ou não, de um presépio na casa dos pagadores de promessas das folias determina protocolos de aproximação e de repertório sensivelmente diversos. E não só. Em vários estudos sobre as folias e as práticas do bumba-meu-boi do início do ano, foi confirmada a forte relação de causalidade entre ambas. Assim, uma das possibilidades de abordagem da geografia e história que se esboça a partir deste manuscrito de Mário de Andrade, conforme examinado no início desse texto, seria analisar em que medida as Folias se distribuem ao longo das trilhas de propagação do boi e se há protocolos que sinalizem para a presença de presépios nas casas dos pagadores de promessas. Até o presente momento da pesquisa, mesmo nomeando

localidades ao longo do Rio São Francisco, o musicólogo não se refere à devoção ao santo nessas regiões do Brasil. Outra forma de abordagem pode aprofundar um estudo sobre a religiosidade que norteia a realização dos bumba-meu-boi de metade do ano e até mesmo a devoção a esse santo entre aqueles que participam das Folias de Reis.

Referências

- ANDRADE, Mário de. Bumba-meu-boi, manuscrito, Fundo Mário de Andrade (MA MMA 019), **Instituto de Estudos Brasileiros**, Universidade de São Paulo.
- IDEM. Exposição dos atos e consequências da Missão Folclórica. Memorando, 23 de maio de 1938. **Correspondência da Missão de Pesquisas Folclóricas**, Discoteca Pública Municipal, CCSP, n. 29, 2 p.
- IDEM. **Os cocos**. Preparação, introdução e notas de Oneyda Alvarenga. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- IDEM. Danças Dramáticas – bumba-meu-boi, manuscrito, Fundo Mário de Andrade (MA MMA 039), **Instituto de Estudos Brasileiros**, Universidade de São Paulo.
- IDEM. O irmão boi. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 28 de dezembro de 1938, p. 4.
- IDEM. **As melodias do boi e outras peças**. Preparação, introdução e notas de Oneyda Alvarenga. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1987.
- IDEM. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. São Paulo: Ubu, 2018.
- IDEM. Melodias do boi, manuscrito, Fundo Mário de Andrade (MA MMA 013), **Instituto de Estudos Brasileiros**, Universidade de São Paulo.
- IDEM. **O Turista Aprendiz**. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Brasília: IPHAN, 2015. 1993.
- IDEM. **Vida do cantador**. Edição crítica de Raimunda de Brito Batista. Belo Horizonte: Vila Rica, 1993.
- BITTENCOURT, Pedro Calmon Monis. **Espírito da Sociedade Colonial**. São Paulo: Nacional, 1935.
- HOFFMAN-HARNISCH, Wolfgang. **O Rio Grande do Sul: a terra e o homem**. Rio Grande do Sul: Livraria do Globo, 1941
- LEITHOLD, Theodor von. **Meine Ausflucht nach Brasilien ...** Berlin: In Der Mauerschen Buchhandlung, 1820
- LOPEZ, Telê Ancona. **Ramais e Caminho**. São Paulo: Duas Cidades, 1972.
- MELLO E SOUZA, Gilda de. **O tupi e o alaúde**. São Paulo: Duas Cidades; Editora34, 2003.
- PORTO, A. Função Sócio-Geográfica do Gado Riograndense, **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 10 nov. 1935.

Notas

¹ O autor emprega a preposição “de” ao nomear o rio.